



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCHLA
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

THENUZA VIEIRA DE ALMEIDA GONÇALVES

**ESTUDO SOBRE A SEXUALIDADE DA MULHER IDOSA NOS CONTOS
“MAS VAI CHOVER” E “RUÍDO DE PASSOS” DA ESCRITORA CLARICE
LISPECTOR**

JOÃO PESSOA - PB

2022

THENUZA VIEIRA DE ALMEIDA GONÇALVES

**ESTUDO SOBRE A SEXUALIDADE DA MULHER IDOSA NOS CONTOS
“MAS VAI CHOVER” E “RUÍDO DE PASSOS” DA ESCRITORA CLARICE
LISPECTOR**

Monografia apresentada ao Curso de Letras (Língua Portuguesa) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof. Dra. Luciana Calado

JOÃO PESSOA - PB

2022

Este trabalho monográfico é fruto de anos de estudo e dedicação. Dedico ele à minha mãe e ao meu amadíssimo esposo e principalmente à minha filha. Vocês são essenciais para minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu força para enfrentar todos os obstáculos, dificuldades e uma transferência ao longo do curso. Foram dez anos, desde a Universidade de Pernambuco (UPE), em 2011, até aqui na UFPB (2022);

Agradeço à minha querida mãe, Maria da Conceição Vieira, que mesmo não tendo a oportunidade de estudar, sempre batalhou para que eu conseguisse vencer, acreditando no poder de mudança que vem através dos estudos. Como mãe solo, enfrentou tudo para que nada me faltasse e com sua herança cultural me mostrou como quão importante é ser uma mulher empoderada e independente;

Agradeço ao meu tão amado esposo, Marcus Vinícius Gonçalves, que sempre investiu nos meus sonhos e sempre acreditou na minha capacidade, que sempre apoiou e me deu o suporte necessário para nunca desistir da graduação e que ainda me incentiva a continuar a caminhada;

Agradeço à minha filha, Júlia Vieira Gonçalves, que com apenas sete anos de idade, sendo pessoa com deficiência (Transtorno do Espectro Autista - TEA), me fez enxergar o mundo através da sua ótica e me ensinou a ser mãe, me ensinou a ser resiliente e me ensina todos os dias a lutar contracultura capacitista e persistir no prognóstico;

Agradeço a todos os professores que contribuíram para minha formação acadêmica, em especial a minha gentil orientadora Prof. Dra. Luciana Calado, pela disponibilidade. Fica aqui minha admiração ao seu trabalho como docente, e meu reconhecimento da grande profissional que és e à banca avaliadora Prof^a. Dr^a. Franciane Silva e Prof^a Yasmin Alves.

Por fim, agradeço a todos os colegas com quem tive oportunidade de cruzar durante esse processo, em especial Lullyana Bezerra da Silva, uma amiga leal que nunca mediu esforços para me apoiar. Minha trajetória enquanto discente do curso de Letras-Língua Portuguesa na Universidade Federal da Paraíba foi intensa e muito satisfatória, com vocês aprendi e somatizei experiências.

“A mulher está votada à imoralidade porque a moral consiste para ela em encarnar uma entidade inumana: a mulher forte, a mãe admirável, a mulher de bem...”
(Simone de Beauvoir)

**ESTUDO SOBRE A SEXUALIDADE DA MULHER IDOSA NOS CONTOS
“MAS VAI CHOVER” E “RUÍDO DE PASSOS” DA ESCRITORA CLARICE
LISPECTOR**

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a sexualidade da mulher idosa nos contos “Mas vai chover” e “Ruído de passos”, das personagens protagonistas Maria Angélica e Cândida Raposo, respectivamente, ambos escritos pela autora Clarice Lispector. Além disso, discutimos questões referentes à autoria feminina dentro da academia, evidenciando o acréscimo favorável. O objetivo principal deste estudo passa por questões complexas do conhecimento, questões de como a sociedade se comportava e se comporta ainda hoje, e os estereótipos que foram criados em torno da sexualidade das mulheres, no período da velhice. O estudo teve como base a abordagem qualitativa, no qual foi de grande valia para interpretação dos contos. Os métodos de análises foram literários e críticos. Por meio deles realizamos um esforço de interpretação crítica para tornar visíveis as estruturas do todo. A escolha por Clarice Lispector se deu por se tratar de uma escritora que possui grande notoriedade no campo literário brasileiro e internacional. Para fundamentar esse estudo utilizamos escritos de Beauvoir (2009), Perrot (2019), Figueiredo (2020), Borges (2013), Adichie (2012), Foucault (1988), entre outros autores e autoras que se enquadram no presente estudo. Este trabalho se justifica por trazer para a literatura brasileira contribuições de análises, uma vez que revela uma perspectiva de gênero ao analisar as ações das personagens dos contos.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Sexualidade. Crítica feminista. Mulher Idosa.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the sexuality of the elderly woman in the short stories “Mas vai Chucho” and “Ruído de Passos”, by the protagonists Maria Angélica and Cândida Raposo, respectively, both written by the author Clarice Lispector. In addition, we discussed issues related to female authorship within the academy, evidencing the favorable increase. The main objective of this study goes through complex issues of knowledge, issues of how society behaved and still behaves today, and the stereotypes that were created around the sexuality of women, in the period of old age. The study was based on a qualitative approach, which was of great value for the interpretation of tales. The methods of analysis were literary and critical. Through them, we carry out an effort of critical interpretation to make the structures of the whole visible. Clarice Lispector was chosen because she is a popular writer, but she has great notoriety in the Brazilian and international literary field. To support this study, we used writings by Beauvoir (2009), Perrot (2019), Figueiredo (2020), Borges (2013), Adichie (2012), Foucault (1988), among other authors that fit the present study. This work is justified by bringing analysis contributions to Brazilian literature, since it reveals a gender perspective when analyzing the actions of the characters in the short stories.

Keywords: Clarice Lispector. Sexuality. Feminist critique. Old woman.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
2 O LUGAR DA MULHER IDOSA NA SOCIEDADE PATRIARCAL.....	13
2.1 Mulheres e suas representações sociais.....	13
2.2 Corpo feminino e a sexualidade da mulher idosa.....	19
3 AUTORIA FEMININA E CÂNONE LITERÁRIO.....	23
4 A SEXUALIDADE DA MULHER IDOSA NOS CONTOS: MAS VAI CHOVER E RUÍDO DE PASSOS.....	27
4.1 Breve Consideração sobre a sexualidade presente no livro “A via Crucis do Corpo”.....	28
4.2 Análise do conto Mas vai chover.....	31
4.3 Análise do conto Ruído de passos.....	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho monográfico tem o objetivo de analisar a temática que se refere à sexualidade da mulher idosa em dois contos da escritora Clarice Lispector. Os contos intitulados “Mas vai chover” e “Ruídos de Passos” foram publicados na obra *Via Crucis do Corpo* editado e lançado em 1974, que à época causou grande polêmica na sociedade por trazer aspectos até então não discutidos, a exemplo da sexualidade na velhice da mulher.

É importante esclarecer que neste trabalho usamos a palavra “idosa”, “velha”, “terceira idade”, como forma de quebra de paradigma, visto que, observamos que muitos desses termos são empregados de forma pejorativa na sociedade. Como afirma Figueiredo (2020), p. 242: “como não tem atrativos os velhos costumam ser invisíveis”. Assim, iremos discutir sobre a sexualidade da mulher idosa como forma de dar visibilidade a tal questão e desenvolver reflexões do porquê que esse apagamento acontece. Essa questão da sexualidade no terceiro momento da vida da mulher nunca foi tão discutido quanto agora, uma vez que a expectativa de vida das mulheres tem aumentado no Brasil, um país com tradição patriarcal desde sua colonização portuguesa.

De fato, o tabu que permeia o tema está intimamente ligado à censura dentro do contexto de sociedade patriarcal. Dialogar sobre a temática – sexualidade feminina na terceira idade – atinge a estrutura machista e conceitos arcaicos e ultrapassados que envolvem essa proposição. Logo, abordar esse tema faz-se, inicialmente, necessário, tendo em vista a problematização em torno da sexualidade da mulher idosa, seja pela ótica do corpo envelhecido e flácido, seja pela sua função dentro de um contexto familiar e social.

Para que o objetivo do trabalho fosse alcançado realizamos um levantamento bibliográfico baseado nos estudos da literatura brasileira contemporânea, nas correntes formalistas tradicionais que dialogam com trabalhos teóricos sobre feminismo e sobre a sexualidade feminina que em sua maioria versam sobre os aspectos que permeiam a natureza dos seus personagens e seus desdobramentos. Seguindo a hermenêutica relacionada a sexualidade feminina quando idosa, sobre a crítica literária e sobre os pontos de vista feminista sócio-histórico.

Nosso problema de pesquisa passa por questões complexas do conhecimento, questões de como a sociedade se comportou e se comporta ainda hoje, e os estereótipos que se criou em torno da sexualidade da mulher na fase em que está mais idosa. O

problema em questão não está na narrativa dos contos em si, mas ao mesmo tempo está nos questionamentos subjacentes a temática.

Os contos nos fazem refletir o quanto as mulheres com mais idade eram e ainda são tolhidas nas questões relacionadas a sua sexualidade, e o quão elas, ao envelhecer não podem mais sentir prazer e desejo como uma mulher mais jovem, pois esses tabus ainda existem até os dias atuais. E os contos de Clarice, já naquela época (1970) nos desperta para essas questões, isto é, visões sobre o universo feminino, como desejos íntimos, pensamentos e devaneios que precisam ser retratados cada vez mais.

Este estudo é importante por levantar discussões, uma vez que revela uma perspectiva social ao analisar as ações das personagens dos contos. Os contos de Clarice Lispector são complexos, cheios de labirintos, cruzamentos, comportamentos, relações estabelecidas e na constituição dos sujeitos, e se justifica também pela capacidade com que ela constrói e desconstrói cenas e lugares.

Para analisar nosso objeto de estudo adotamos como base a abordagem qualitativa, no qual foi de grande valia para interpretação dos contos. Essa abordagem nos possibilitou construir conhecimento e como se referiu Minayo (1999, p. 10), nos permitiu analisar e “[...] incorporar as questões das relações e estruturas sociais [...]”. Já os métodos de análises foram literários e críticos. Por meio deles realizou-se um esforço de interpretação crítica para tornar visíveis as estruturas do todo, “[...] compreendendo a função das partes e camadas para mostrar a eficácia e o sentido dos elementos no todo da obra, a cooperação das partes na organização total [...]”. (Minayo, 1999, p. 11).

A ideia deste estudo surgiu na disciplina de Literatura Brasileira V, cursada no último semestre de 2020. Como avaliação desta disciplina foi solicitado um trabalho monográfico. O ano coincidiu com as comemorações do seu centenário. A escolha por Clarice Lispector se deu por se tratar de uma escritora mais conhecida do século XX, mas que possui grande notoriedade no campo literário brasileiro e internacional.

No início analisou-se o conto “Mas vai chover”, no entanto, ao pesquisar com mais detalhe percebeu-se a grandiosidade da obra dela e como as questões psicossociais da sociedade e do cotidiano estão inseridas em seus textos, e isso trouxe uma variedade de questionamentos que ajudou, indiretamente, de certa forma, a modificar ou mesmo contribuir para uma mudança de comportamento da sociedade. Estas questões

despertaram a necessidade de investigar mais sobre a sexualidade da mulher idosa, a fim de encontrar outros contos que apresentassem temática igual ou semelhante.

O segundo conto “Ruído de passos”, veio na sequência por retratar a situação também de uma mulher idosa, que se envergonha de ter desejo por sentir prazer, e estava buscando uma forma de cessar isso, assim vai ao médico buscando uma forma de parar de sentir isso e se espanta quando o médico a informa que o desejo sexual não acaba com a idade.

Para compor os capítulos que serão divididos em duas partes, análise dos contos de Lispector buscou-se as interpretações pertinentes de Benjamin Moser (2016), que também é estudioso e biógrafo da obra de Clarice.

Nos respaldamos também na obra de Simone de Beauvoir no livro “O segundo sexo” (2009), filósofa existencialista e escritora, que se propôs a analisar os conflitos acerca da disparidade de gênero nos interesses no campo intelectual, dentro do próprio contexto filosófico francês.

À luz do trabalho da historiadora Michelle Perrot (2019), compreendemos também um pouco mais sobre a criação mítica da mulher desde o livro do Gênesis. Na obra *Minha história das mulheres* (2019) ela expõe a paradoxal importância da mulher na sociedade e sua invisibilidade em contraponto, segundo a visão naturalizada e organizacional patriarcal.

A visão destas autoras, Michele Perrot e Simone de Beauvoir, sobre a ótica feminina e suas problemáticas, possuem referências com ênfases em um recorte histórico- geográfico, tendo como base o contexto social francês. Apesar disso, entendemos que essas fundamentações e essas referências se alinham com nosso objeto de estudo, pois se trata de contexto de representação do feminino.

Outra autora que nos ajudou a fundamentar este trabalho foi Eurídice Figueiredo, com o livro “Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras” (2020). Pesquisadora e crítica no Brasil, que se dedicou a estudar diversas obras de autoria feminina, focando em obras que consideradas menos aclamadas e cânones para a literatura brasileira. Propondo mapear a literatura contemporânea brasileira de autoria feminina.

Além disso, também usamos os escritos de Luciana Borges do seu livro “*O erotismo como ruptura na ficção brasileira de autoria feminina*”, para compreendermos a escrita de Clarice Lispector sobre sexo e desejos femininos nos contos analisados no presente trabalho monográfico.

Ademais, utilizamos escritos de Moser (2016), Santos (2019), Castanheira (2011), Ferreira e Deplagne (2017), Reis (1992), Assis (1962), D’incao (2002), Adichie (2012) e Foucoult (1988), para fundamentar discussões sobre o universo feminino que o presente trabalho abordou.

O presente estudo monográfico, tem como objetivo principal analisar as personagens femininas idosas dos contos “Mas vai Chover” e “Ruído dos passos”, da escritora brasileira Clarice Lispector. Dividimos o trabalho em três capítulos, além da introdução, justificativa e as considerações finais. Decompondo em partes, no primeiro capítulo, que será o de número 2, temos um apanhado sócio-histórico do trabalho onde nos debruçamos sobre o cenário feminino de um modo geral ao longo das décadas, bem como algumas situações enfrentadas pelas mulheres nesse panorama. No segundo capítulo, que será o capítulo de número 3, intitulada “Autoria Feminina”, apresentamos uma análise sobre a escrita de autoria feminina na sociedade. E por fim, no terceiro capítulo (capítulo de número 4), abordaremos a exploração das personagens femininas lispectorianas: Maria Angélica e Cândida Raposo, protagonistas dos contos “Mas vai chover” e “Ruído de passos”, respectivamente.

2. O LUGAR DA MULHER IDOSA NA SOCIEDADE PATRIARCAL

As mulheres sempre tiveram sua sexualidade regulada e comedida socialmente. Mas, quando se trata das mulheres contemporâneas, podemos observar e afirmar que muitos desses direitos foram alcançados nos últimos tempos. Dentro desse contexto sócio-histórico, notamos as realizações de diversas e significativas conquistas que a sexualidade feminina tem alcançado, porém, em contraponto, ainda vista por uma ótica machista e patriarcal. Com o objetivo de explanar as análises sobre os contos escolhidos de forma mais compreensível, este capítulo trará reflexões contextuais sobre o lugar da mulher na sociedade patriarcal, e foi dividido em dois subcapítulos. Logo, primeiramente trataremos de dissertar sobre as representações sociais das mulheres na sociedade patriarcal, de forma geral, e após discorreremos especificamente sobre a sexualidade da mulher idosa.

2.1 Mulheres e suas representações sociais

Podemos mencionar, que a invisibilidade quanto ao gênero feminino está sobretudo na nossa historiografia, e as instituições têm papel fundamental nessa conjunção. Elas (igreja, escola, entre outros) ditam as regras, normas e padrões com a função de apagar vozes, mudar comportamentos e subjugar o que é virtuoso ou pecaminoso. Pautando em escritos religiosos: “Que a mulher conserve o silêncio, diz o apóstolo Paulo. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão. Elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno.” (PERROT, 2019, p. 17).

À vista disso, podemos imaginar que ao longo da história pouco se falava sobre as mulheres, e o que se falava é uma caricatura do imaginário masculino sobre ela. O acesso à escrita por elas foi tardio, seu papel era resumido ao contexto familiar, confinadas em casa e/ou ocupadas no que diz respeito à casa.

Assim, todos os escritos ou retratos sobre o feminino era de forma caricaturada, isto é, idealizada, criada a partir de um imagético, o silêncio mais profundo enfrentado por elas são o do relato. Ao longo dos tempos, os escritos gregos e romanos dizem respeito a homens que conquistaram com excelência um espaço público, que venceram

guerras, sendo considerados ilustres. Já quando se falam sobre uma mulher, sempre tem que haver uma “singularidade” para que haja algum destaque. Entre as rainhas podemos citar a crueldade, e entre outras aspectos que a fazem ser escandalosa:

Mas o silêncio mais profundo é o do relato. O relato da história constituído pelos primeiros historiadores gregos e romanos diz respeito ao espaço público: as guerras, os reinados, os homens “ilustres”, ou então “os homens públicos”. O mesmo ocorre com as crônicas medievais e as vidas de santos: fala-se mais de santos do que de santas. Além disso, os santos agem, evangelizam, viajam. As mulheres preservam sua virgindade e rezam. Ou alcançam a glória do martírio, que é uma honra suntuosa. As rainhas merovíngias, tão cruéis, as damas galantes do Renascimento, as cortesãs de todas as épocas fazem sonhar. É preciso ser piedosa ou escandalosa para existir. (PERROT, 2019, p. 17-18)

A história sobre as mulheres ainda é algo muito recente, se iniciou na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos somente nos anos de 1960. Entre os fatores que se interligaram que houvesse tal acontecimento estão os científicos, sociológicos e políticos. Dentre os fatores científicos, nos anos de 1970 há uma renovação das questões ligadas às crises intelectuais como o marxismo e o estruturalismo, e a dimensão sexuada dos comportamentos, que colocava a mulher como um sujeito.

Nos fatores sociológicos, temos a presença das mulheres nas universidades, nos anos de 1970 elas eram um terço das matrículas, após a Segunda Guerra Mundial, conquistaram seu espaço como docentes, alcançando também quase um terço dos professores efetivados. Já nos fatores políticos, temos uma quebra de paradigma entre os anos de 1970 e 1980, que pretendeu questionar todos os saberes constituídos, onde afetou as ciências sociais e humanas, chegando assim a um desejo de um outro relato, de uma outra história.

Referente à representação do sexo feminino, sabemos que essa concepção abarca múltiplas perfis e não há como generalizar as questões que impelem sobre as particularidades de cada mulher, suas características, estereótipos e seus comportamentos. Diferenças entre a cor, orientação e classe são importantes para refletir acerca das disparidades que existem dentro do próprio gênero. No entanto, nesse estudo procuramos tratar das questões que permeiam a pesquisa em pauta. Para tal, marcamos o recorte delineando um perfil feminino, segundo o entendimento que transpassa através do contexto da obra, nesse caso, mulheres brancas idosas e de classe social média. Portanto, reconhecemos as diferenças nas representações, mas nos limitamos ao perfil em estudo.

Ainda sobre representações do sexo feminino, grandes escritores e filósofos renomados a retratam e pondera como uma carência, uma fraqueza da natureza, o que corrobora com todo o preconceito existente na sociedade, como afirma Perrot:

Primeiramente sobre a representação do sexo feminino. De Aristóteles a Freud, o sexo feminino é visto como uma carência, um defeito, uma fraqueza da natureza. Para Aristóteles, a mulher é um homem mal-acabado, um ser incompleto, uma forma malcozida. Freud faz da “inveja do pênis” o núcleo obsedante da sexualidade feminina. A mulher é um ser em concavidade, esburacado, marcado para a possessão, para a passividade. (PERROT, 2019, p. 63)

No tocante à idade da vida de uma mulher, temos a infância, a puberdade e a adolescência, a fase adulta e a velhice, apesar das várias fases, a vida ativa de uma mulher dura pouco, pois é datada pelo fim do seu período fértil. A menopausa que é tão secreta quanto a puberdade marca o final da vida fértil de uma mulher, e por concepções do século XIX, a morte de sua feminilidade, como afirma PERROT, 2019, p. 48:

A vida de mulher dura pouco: a menopausa, tão secreta quanto a puberdade, marca o final da vida fértil, e, por seguinte, o término da feminilidade segundo as concepções do século XIX: “eu não sou mais uma mulher”, diz George Sand. Não ver mais seu sangue, é sair do campo da maternidade, da sexualidade e da sedução.

Essas concepções são tão recorrentes na sociedade, que as próprias mulheres acabam as repetindo, e se envergonhando de ser um ser sexuado e viril na velhice. Pois é de uma perspectiva comum, estamos acostumados a enxergar um único estereótipo equivocado sobre a mulher idosa. Trata-se, quase sempre, de uma imagem caricaturada de uma senhora delicada, cuidadora e (ou) necessitada de cuidados, sugerindo uma ideia de invalidez ou incapacidade. Com isso, a visão de avó zelosa não corresponderia à imagem de uma mulher funcional e ativa sexualmente, biológica e fisiologicamente apta a produzir prazer ao outro e ao auto prazer.

Tais estereótipos são criados por uma sociedade patriarcal, que espera que a mulher seja sempre jovem, ativa e não demonstre os sinais de envelhecimento, sugerindo um padrão ideal de beleza a ser correspondido e moldado por esse mesmo padrão. Nas mídias televisivas, nas propagandas comerciais e principalmente nas redes sociais,

notamos a presença dessa massiva e constante uniformização do que é belo e aceitável como desejável.

O tempo que permeia a vida de todos nós, sejam homens ou mulheres, possuem começo, meio e fim diferenciados. E a sexualidade neste meio amplia a necessidade de que na velhice também deve haver o contato íntimo, as carícias, os beijos, mas também uma boa parceria, até porque as necessidades socioafetivas continuam presentes.

Com o aumento da qualidade de vida e do tempo de vida das pessoas também se prolonga os vínculos afetivos e outras formas de união. Mas, na sociedade que vivemos o sexo na velhice está envolvido em vários preconceitos. Embora que os homens e as mulheres tenham conhecimento da realidade sobre a limitação de seu corpo físico, que não é mais o mesmo, mesmo assim, ainda é possível manter a prática sexual ativa.

As barreiras do preconceito são inúmeras, inclusive entre os próprios idosos, que não se relacionam mais com outras pessoas devido ao preconceito familiar, pois precisam se manter serenos e íntegros perante a família e a instituição religiosa que fazem parte. Muitos não se dão ao luxo nem de manter vínculos de amizade.

Vanessa Fonseca do Santos (2019, p. 2) comenta que a sexualidade na terceira idade não se refere apenas ao ato sexual, mas segundo ela:

[...] a troca de carícias, afeto, companheirismo, carinho, vaidade e o cuidado consigo mesmo e com o parceiro. Mais até que nas outras fases, como na juventude. A pessoa idosa necessita ter com seu parceiro um grau ainda maior de intimidade. O amor não pode faltar, nem o sexo. (SANTOS, 2019, p.2).

Ou seja, o corpo físico ainda se mantém funcionando e o sexo ativo é a prova de que sentir se sentir feminina ou ativa passa também pelas sensações do corpo que são muito valorizadas na nossa sociedade.

À vista disso, convém destacar que o contexto ideológico da colonização brasileira subjugou as mulheres intelectualmente. Sua forma de pensar e de escrever não eram valorizadas perante durante os séculos de história. (CASTANHEIRA, 2011). Atualmente, ainda carregamos traços desse pensamento que julga a mulher como um ser inferior, atrelado ao sentimentalismo à fraqueza.

Tal concepção vem de um processo de eternização que está associado ao trabalho de determinadas instituições, entre elas a igreja, a família e a escola, como podemos observar no seguinte trecho:

[...] o que aparece, na história como eterno é simplesmente o resultado do trabalho de eternização realizado por instituições interligadas tais como a família, a igreja, a escola, o esporte e o jornalismo. Trata-se, assim, de discutir e desconstruir essa visão naturalista e essencialista da relação entre os sexos inserindo a dimensão histórica. (BORDIEU, 2010, p. 5 apud FIGUEIREDO, 2020, p. 17)

Assim, temos que investigar a perspectiva passada, construindo perfis históricos da mulher ao longo das gerações, para que a necessidade da inserção do feminino como um ser ativo na sociedade contemporânea venha a acrescentar. No Brasil, percebemos que uma articulação e insistência dos conceitos conservadores que buscam impedir determinadas discussões como paridade entre os gêneros, desigualdade social, questões relacionadas a saúde feminina, assim bem como discussões de ordem político-social.

Segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), as mulheres são maioria do eleitorado, em termos de dados. Em outubro de 2018 por exemplo, ano ao qual fomos urnas escolher o presidente do Brasil, tivemos a superioridade na participação. Mulheres com faixa etária entre 45 e 59 anos, sendo mais de 52% dos votos contra um pouco mais de 47% da contribuição masculina, porém no que se trata a representatividade nos cargos no executivo, legislativo e judiciário são ínfimas, isso acontece em várias áreas e espaço na nossa sociedade. Outrossim, é importante mencionar que a ocupação desses cargos é na sua maioria ocupados por homens. Essa situação é um resultado da nossa sociedade que reproduz até os dias de hoje a disparidade entre os gêneros.

Atualmente, a maior parte dos espaços públicos e das instituições é dominada por homens brancos, heterossexuais, de classe média, e com uma ideologia patriarcal, o que favorece à perpetuação da ideia de que às mulheres são destinados os cuidados domésticos e dos filhos. No cenário político brasileiro, a presença de mulheres é rara, e dentre as pouquíssimas mulheres, as que conquistaram um cargo político público corroboram com a ideologia do patriarcado, pois o pensamento do dominado é baseado nas estruturas de dominação, resultando na submissão. De acordo com Figueiredo:

As poucas mulheres que conseguem ascender a postos de comando público são, muitas vezes, porta-vozes do patriarcado porque a dificuldade de operar uma mudança reside no fato de os pensamentos dos dominados se basearem

nas estruturas de dominação, seus atos de conhecimento são inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão (FIGUEIREDO, 2020, p. 18)

À vista disso, as mães, como oriundas que são da sociedade patriarcal, colaboram para a disseminação das ideias do patriarcado, assim como muitas mulheres combatem o feminismo, o que torna a temática e a problematização desta, numa confusa e polarizada discursão, principalmente nas redes sociais, juntamente com os movimentos de extrema- direita no Brasil. Os pensamentos do patriarcado são tão disseminados para os dominados, que se tornam naturais.

Dessa maneira, é necessária a resistência contra a imposição simbólica do que é tido como “normal” ou “natural, esta resistência vem de modo cognitivo, isto é, através do pensamento, da observação de atitudes, ideias e falas que devem ser repensadas e reelaboradas, para que as próprias mulheres não sejam sexistas e continuem tomando atitudes que levam a dominação masculina.

As estruturas sociais exercem um papel de aprisionar a mulher, mesmo que em dualidade consigo mesma, a tolerar relacionamentos abusivos, com a ideia de que a violência é coisa de homem, que o companheiro irá mudar, que muitas vezes acabam levando ao feminicídio. Isso ocorre por um costume histórico que o homem pode exercer a violência, que inclusive é um traço de sua virilidade, enquanto a mulher tem que ser submissa, compreensiva e sempre carinhosa.

Entretanto, o privilégio masculino também é uma emboscada, visto que o homem tem que a todo momento provar sua virilidade e masculinidade, caso contrário é julgado de “fracote” e/ou “mulherzinha”:

Porém, o privilégio masculino é também uma armadilha, pois eles precisam a todo instante provar sua virilidade, é um ponto de honra. Aptos para guerra e para os jogos violentos, eles sofrem a pressão: se não corresponderem, serão associados à feminilidade, à fraqueza. (FIGUEIREDO, 2020, p. 20)

Toda essa representação da virilidade masculina é contra a feminilidade, como se fosse medo do feminino:

A virilidade [...] é uma noção eminentemente relacional, construída diante de outros homens para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente dentro de si mesmo (BORDIEU, 2010, p. 67 apud FIGUEIREDO, 2020, p.20)

Mas, vale sublinhar no trabalho em tela, que não são apenas os aspectos de submissão que são sofridos pela mulher, também há a ditadura do corpo feminino do ponto de vista do homem, que gera mal-estar e busca pela perfeição inexistente que acaba adoecendo às mulheres. A busca pela magreza das modelos de revistas, o abuso de cirurgias plásticas e outros procedimentos estéticos que podem levar à morte, são feitos com o intuito da avaliação positiva dos homens, a necessidade da aprovação do outro para o bem-estar. É uma busca incansável para a feminilização de um corpo, que já é naturalmente feminino, que gera e alimenta vidas.

Dessa forma, entendemos que nesse contexto o trabalho busca refletir sobre a sexualidade, desejos femininos de mulheres na idade idosa, bem como a dualidade existente nas personagens protagonistas, levantando pontos importantes para uma análise sobre a função da mulher idosa na sociedade e mais adiante, analisaremos de que forma especificamente a obra de Clarice Lispector e as obras elencadas nessa tônica estão relacionadas entre si e entre o contexto, buscando traçar e identificar quais problemáticas existem na obra da autora e nas vivências das personagens nas narrativas observadas e estudadas.

2.2 Corpo feminino e a sexualidade da mulher idosa

Como afirma Beauvoir (2009), ninguém nasce mulher, torna-se mulher, e envelhecer é viver. Assim podemos compreender que existe sim uma distinção entre sexo e gênero. O primeiro é um fator biológico, ligado à concepção biológica do corpo humano. Já o segundo é construído pela sociedade, ou seja, ser homem ou ser mulher não é um dado natural, mas algo performático e social — ao longo da história, cada cultura criou os padrões de ação e comportamento de determinado gênero, definindo como cada um tem que se comportar, mas ambos têm uma característica: envelhecem.

Entretanto entre a fase da juventude e da velhice, na condição masculina, notamos que há uma exaltação no que é ser homem, no que é ser “macho”, um enaltecimento do falo desde a infância, vejamos:

Mães e avós perpetuam a tradição que assimila o falo à ideia de macho; seja porque lhe reconhecem o prestígio na gratidão amorosa ou na submissão, seja porque constitui para elas um revide reencontrá-lo na criança sob uma forma humilhada, o fato é que tratam o pênis infantil com uma complacência singular. [...] fazem desse sexo, segundo a expressão já citada, “um alter ego geralmente

mais esperto, mais inteligente e mais hábil do que o indivíduo”. Anatomicamente, o pênis presta-se muito bem a esse papel; separado do corpo, apresenta-se como um pequeno brinquedo natural, uma espécie de boneca. [...] Posteriormente, o menino encarnará em seu sexo sua transcendência e sua soberania orgulhosa. (BEAUVOIR, 2009, p. 270)

Observamos, que ser homem é status de soberania, em qualquer idade, desde a infância, até a fase idosa, entretanto acontece totalmente o contrário com a menina, ninguém enaltece seu sexo:

Nem mães nem amas têm reverência e ternura por suas partes genitais; não chamam a atenção para esse órgão secreto de que só se vê o invólucro e que não se deixa pegar; em certo sentido, a menina não tem sexo. Não sente essa ausência como uma falha; seu corpo é evidentemente uma plenitude para ela, mas ela se acha situada no mundo de um modo diferente do menino e um conjunto de fatores pode transformar a seus olhos a diferença em inferioridade. (BEAUVOIR, 2009, p. 270)

Isso posto, entendemos o porquê de tanta resistência feminina na sociedade, por ser considerada um ser inferior desde a infância, cresce com motivos para sempre achar que está errada, assim justifica-se o determinante para os movimentos sociais feministas, as mulheres são ensinadas desde crianças a sentir vergonha de sua condição feminina, vista como seres que precisam de proteção a cada minuto, são tratadas como secundárias.

Ensinamos as meninas a sentir vergonha. “Fecha as pernas, olha o decote”. Nós a fazemos sentir vergonha da sua condição feminina, elas já nascem culpadas. Elas crescem e se transformam em mulheres que não podem externar seus desejos. Elas se calam, não podem dizer o que realmente pensam, fazem do fingimento uma arte. (ADICHIE, 2012, p.40)

Na idade idosa a mulher além dos problemas de igualdade, enfrentam outros obstáculos, o corpo envelhece, as rugas se tornam bem visíveis, perdendo o encanto erótico, a fertilidade e para a sociedade, a serventia. A mudança corporal e hormonal é muito brusca, e desconfortável. Como somos seres sociais, a cultura social ocidental evidencia a velhice como a idade do descanso, já que o corpo perde a vitalidade, a pele o viço e os músculos a elasticidade. A ordem capitalista que insiste na ideia de inclusão e pertencimento, alimenta essa ideia para com a velhice: o avanço de doenças, a aposentadoria do trabalho, e o abandono da vida sexual.

A História da mulher — pelo fato de se encontrar ainda encerrada em suas funções de fêmea — depende muito mais que a do homem de seu destino fisiológico; e a curva desse destino é mais ab-rupta, mais descontínua do que a curva do homem. Todo período da vida feminina é calmo e monótono: mas as

passagens de um período para outro são de uma perigosa brutalidade; evidenciam-se através de crises muito mais decisivas do que no homem: puberdade, iniciação sexual, menopausa. Enquanto ele envelhece de maneira contínua, a mulher é bruscamente despojada de sua feminilidade; perde, jovem ainda, o encanto erótico e a fecundidade de que tirava, aos olhos da sociedade e a seus próprios olhos, a justificação de sua existência e suas possibilidades de felicidade: cabe-lhe viver, privada de todo futuro, cerca de metade de sua vida de adulta. (BEAUVOIR, 2009, p. 569)

Em uma sociedade capitalista que enxerga pessoas como produtos, em especial as mulheres, as idosas são vistas como produtos fora do prazo de validade, sendo considerado o modelo normal de sexualidade, centrado na beleza do corpo jovem, no ato sexual para fins da procriação, sendo assim, fora do prazo de fertilidade, a sexualidade na velhice é um assunto que provoca estranhamento. Além dos preceitos conservadores que estão presentes no corpo social, temos que expor a sexualidade vista com os olhos da religião, que sempre tentou controlar a sexualidade feminina:

O sexo das mulheres deve ser protegido, fechado e possuído. Daí a importância atribuída ao hímen e à virgindade. Principalmente pelo cristianismo, que faz da castidade e do celibato um estado superior. [...] A Virgem Maria, em oposição a Maria Madalena, é seu modelo e protetora. Ela é, ao mesmo tempo, concebida sem pecado (dogma da Imaculada Conceição, Pio IX, em 1854) e concebe sem o homem, "pela intervenção do Espírito Santo". A Virgem, entretanto, é mãe em toda plenitude; ela carrega seu filho no ventre, o alimenta, o segue em suas predicções, o sustenta em sua paixão, o assiste em sua morte: a mãe perfeita, mas somente mãe. A Virgem é rainha e mãe da Igreja medieval, mediadora, protetora. (PERROT, 2019, p.64)

Com sua sexualidade fincada nas raízes do patriarcado, a mulher tem seu ato sexual voltado apenas para a reprodução da espécie, tendo a virgem Maria como modelo de mulher a ser seguido, o sexo destinado à reprodução não era motivo de perseguição, mas sexo apenas por prazer, sim. Esse pensamento religioso arcaico, deixou resquícios na contemporaneidade, sendo utilizado como argumento para o término da sexualidade feminina na velhice.

Ser mulher idosa, é enfrentar todos os preceitos e preconceitos cristalizados na sociedade, que a massacram, reduzindo à base familiar, a matriarca, que precisa viver a tranquilidade. Em contrapartida, não podemos esquecer que a velhice também é sinônimo de experiência, sabedoria, a mulher que envelhece tem consciência de toda sua trajetória, como podemos ver nas concepções apresentadas por Beauvoir:

A mulher que envelhece sabe muito bem que se deixa de ser um objeto erótico não é somente porque sua carne não oferece mais ao homem riquezas frescas: é também porque seu passado, sua experiência fazem dela, queira ou não, uma pessoa; lutou, amou, quis, sofreu, gozou por sua conta: esta autonomia a intimida; procura renegá-la; exagera sua feminilidade, enfeita-se, perfuma-se, faz-se toda encanto, graça, pura imanência; admira com um olhar ingênuo e entonações infantis o interlocutor masculino, evoca com volubilidade suas recordações de menina; ao invés de falar, cacareja, bate palmas, ri às gargalhadas. (BEAUVOIR, 2009, p. 571)

A mulher que está envelhecendo, se agitada, incoerente, e vã, pois quer recompensar simbolicamente os erros do passado, se permitir viver o que desejou, antes que seja tarde demais. Quer retomar o ardor da juventude, tem repugnância por um cônjuge que não mais a satisfaça, ou se retraída, entrega-se a ao que se negava; nessa fase é retomada a prática da masturbação, deixada de lado desde a juventude, sendo assim é estranha a ideia de que sua prática sexual deveria ser abandonada.

A Velhice não é um assunto que traz entusiasmo, como afirma Beauvoir (2009). O idosos que manifestam a mesma libido que um jovem, os mesmos sentimentos e anseios, provocam escândalo. A sexualidade parece ser algo repugnante, visto que, se espera que o idoso seja um ser sereno, isento de desejos.

Em relação à sexualidade das personagens idosas e das mulheres idosas em geral, tudo é estereotipado, trazendo uma marginalização triplamente estigmatizada: em ser mulher, ser idosa, e ter uma vida sexual ativa. Tudo que é feito em relação ao desejo sexual nessa idade é tido como imoral, pois se espera que em tal fase a idosa se resguarde, ou seja, que haja o abandono sexual.

O sexo é inerente à vida, e na idade idosa a libido não morre, mas para viver estes desejos as idosas precisam de vergonha se si mesmas e se submeterem a relacionamentos que muitas vezes são abusivos, como são os casos das duas personagens idosas analisadas no trabalho em tela: Maria Angélica, que se submete a um relacionamento totalmente abusivo para suprir seus desejos sexuais e Cândida Raposo que sente vergonha da pulsão que sente por prazer.

Desse modo, se o corpo feminino já é objetificado, o corpo feminino envelhecido, que remete a doenças, que não tem o viço do corpo jovem é representado como um corpo objeto perto da morte:

Se o corpo está no centro das preocupações das escritoras, o corpo velho e doente, digno de pena, é representado como um corpo objeto, um corpo próximo da morte. Num mundo capitalista em que se medem as pessoas pelo valor do mercado (as qualidades em termos de beleza, saúde e dinheiro), as pessoas velhas são alijadas do convívio social a menos que se sujeitem a responder aos desígnios dos filhos. (FIGUEIREDO, 2020, p. 251)

Portanto, é imprescindível que haja escritos femininos que retratem personagens que expressem seus desejos e anseios, para que seja discutido e analisado o universo feminino sob a perspectiva feminina: descrever um corpo que só pertence a si, com toda sua complexidade, e em todas as fases da vida e suas subjetividades e não só pela visão masculina que apenas objetifica sua sensualidade e beleza na juventude.

Quanto ao tema deste estudo, a sexualidade da mulher idosa, também proporciona a contextualização de questões ainda pouco discutidas na sociedade brasileira, como o sexo em várias fases da vida, e a literatura de autoria feminina vem nos últimos anos contribuindo para as conquistas e bem-estar social das mulheres por meio dos relatos do cotidiano em forma de poesia, poemas, contos e romances. Ler e refletir sobre, também nos conforta e nos possibilita ter mais empatia e moderação sobre qualquer que seja a experiência que estamos vivenciando.

Todavia, não podemos negar que tivemos muitos avanços no que diz respeito à mulher na sociedade contemporânea, os questionamentos do porquê de os pensamentos patriarcais continuarem tendo tanta dimensão ainda hoje, vem crescendo cada dia mais, não só entre as mulheres, mas em uma parte dos homens também. Consequente, no próximo capítulo iremos discutir sobre a autoria feminina e questões que a crítica literária feminista enfrentou e enfrenta até os dias atuais dentro da academia para ser consolidada como uma abordagem crítica e teórica da literatura.

3. AUTORIA FEMININA E CÂNONE LITERÁRIO

No âmbito acadêmico, científico e político a mulher vem lutando para conquistar o seu espaço no mundo e obviamente isto vem levantando questionamentos e reflexões

entre estudiosos. Alguns destes questionamentos dizem respeito a como a mulher desenvolveu-se no mundo literário, vejamos:

O que sabemos sobre a participação da mulher na Idade Média surge de forma lenta ao longo do tempo, mais precisamente quando houve interesse no feminismo, empenhados em retratar as vivências, os costumes, desejos e atividades desenvolvidas pelas mulheres, a partir de textos de autoria feminina. Se por muito tempo a mulher ficou submissa ao homem, encoberta ao olhar da sociedade, também é claro que durante muito tempo a historiografia tradicional buscou ocultar sua voz. Claudia Opitz (2011) assegura que é muito difícil encontrar documentos desse período que provam a presença feminina, vistos que muitos escritos de mulher foram assinados por homem. (FERREIRA E DEPLAGNE, 2017, p. 19)

Um dos pontos que devemos questionar é o caráter excludente do cânone, pois ele reforça as “fronteiras culturais e barreiras sociais, estabelecendo privilégios e recalques no interior da sociedade” (REIS, 1992, p. 72). Assim, temos que destacar que o que é considerado canônico são obras produzidas no Ocidente, e, como é de conhecimento comum, muitos grupos ficaram de fora de sua representação, devido a critérios sociais, de gênero, entre outros.

Dentro desse panorama, as obras de autoria feminina fazem parte de um desses grupos que enfrentaram e enfrentam inúmeras dificuldades para que se consolide como uma escrita de “peso” dentro da academia e dentro do que se chama de cânone. Isso porque ter acesso ao saber e à escrita não foi tarefa fácil para as mulheres, visto que sua educação era pautada na costura e na cozinha e afazeres domésticos.

Com o passar do tempo, esse tipo de produção, foi crescendo e despontando, mas não a ponto de estar presente como literatura canônica, mas mais para o domínio privado, como afirma PERROT, 2019, p. 97:

Escrever, para as mulheres, não foi uma coisa fácil. Sua escritura ficava restrita ao domínio privado, à correspondência familiar ou à contabilidade da pequena empresa. Entre os artesãos, a “mãe” que gerenciava a hospedaria era muitas vezes uma mulher instruída que controlava as contas dos trabalhadores e desempenhava o papel de escrivão público.

Assim, dentro desse cenário averiguamos que publicar era outra coisa, e algo bem mais complicado para as mulheres. Identificamos que a exclusão feminina é uma questão proposital, herdada pelo patriarcado e elevadas em uma sociedade machista, em que a mulher é vista como sexo “frágil” e ser emotivo. Dessa forma as mulheres têm suas obras

postas à margem, quase como produções secundários ou irrelevantes, na produção de grosso calibre da literatura. Uma mulher no ambiente intelectual não era bem-vista pelos olhos conservadores da sociedade, e quando inserida, era tratada com certo menosprezo ou descaso pelo grupo de intelectuais, como se a produção associada a uma figura feminina fosse restrita a uma qualidade inferior à de autores homens.

Constatamos que textos literários, em sua grande maioria, produzidos por escritores do sexo masculino, também foram usados para ditar e manter o comportamento feminino, sobretudo, na sociedade burguesa, como por exemplo, temos o escritor Machado de Assis, o qual descreve, a “mulher ideal”, em seu romance Helena, como sendo aquela que é “Dócil, afável, inteligente” (ASSIS, 1962, p. 284). Essa sensibilidade romântica defendida pela sociedade burguesa refletiu de tal maneira na literatura, que, como afirma D’Incao (2002), não é por acaso que “Toda a obra da ‘primeira fase’ do romancista (1872-1878) é devotada a temas familiares” (D’INCAO, 2002, p. 237), que tinham como objetivo ditar normas que controlassem a conduta da mulher.

As questões de gênero, de modo geral, atualmente ganharam um espaço mais significativo dentro do universo acadêmico, entre os debates necessários, está a inserção da mulher no universo literário, bem como sua participação na construção das sociedades e quais os papéis por ela ocupados ao longo da História, porém é importante salientar que apesar de toda a luta para conquistar seu espaço, atividades ditas intelectuais, continuam sendo exercidas por homens.

Percebemos que a presença feminina no campo acadêmico e político, apesar de ser negligenciada pela historiografia oficial, mostra-se presente através da escrita literária. Todavia, vale salientar que os textos de mulheres, muitas vezes, eram publicados sob a tutela e assinatura de seus cônjuges. Isso acontecia para que o texto literário não fosse rejeitado pelo simples fato de ser escrito por uma mulher, então como forma de se resguardar era comum que mulheres atribuíssem seus textos a pseudônimos masculinos.

Além do mais, no espaço escolar e no âmbito acadêmico, o contanto dos e das estudantes apenas com os cânones, normalmente escritos por homens brancos, corroboram com a ideologia de superioridade de intelecto masculino. Portanto, a importância de se conhecer mais obras que estiveram fora do cânone, outras vezes que narram e que constroem poéticas a partir de experiências distintas, desde a margem. No entanto, a inserção dessas outras vozes nos repertórios atuais não significa a exclusão de

autores e obras que estão no cânone, não se trata de uma substituição, mas sim de um acréscimo.

Os escritos de autoria feminina na literatura tendem a transgredir e quebrar barreiras impostas ao seu mundo: o olhar feminino sobre seu corpo, sobre seu cotidiano, sobre sua sexualidade. Esses escritos não ficam apenas no prisma masculino que vê o vigor, a beleza e a sensualidade feminina, como aponta a pesquisadora Figueiredo:

Enquanto os homens veem o corpo feminino de maneira euforizante- beleza, sensualidade, encanto- as mulheres buscam expressar as vicissitudes do corpo que só elas conhecem. De um lado, um olhar que projeta uma imagem vista de fora, de outro, o corpo vivido e movido pelos afetos. Esta foi desatado, as línguas se soltaram, as escritoras tornaram-se sujeitos de sua história e começaram a criar personagens que tentam, desesperadamente, se tornar sujeitos de sua história. Uma nova tradição se forma. (FIGUEIREDO, 2020, p. 96)

É com esta concepção de tornar a mulher um ser ativo e pensante sobre sua história que temos o intuito de analisar personagens femininas de Clarice Lispector, personagens que reconhecem seus desejos sexuais, em suas cenas cotidianas, onde desenvolvem tramas psicológicas, dualidades entre seus desejos ocultos e o tabu estabelecido pela sociedade em relação a eles.

Vale destacar que estudar textos de autoria feminina é importante para compreendermos a dimensão de como é o mundo pelos olhos femininos, e não como uma caricatura ou retrato de como homens imaginam que sejam. Apesar da resistência presente na academia até hoje diante desses escritos, a autoria feminina tem a função de acrescentar experiências e vivências ao campo literário, visto que, são obras escritas a partir de seus anseios.

A própria Clarice, ao escrever sobre temas que demandam proposições de aspectos declarados tabus, se coloca na posição passiva e busca alternativas para compor a obra sem que seja ligada à escritora séria Clarice Lispector, a exemplo disso temos a afirmação da autora em pensar em escrever com pseudônimo masculino na obra *A Via Crucis do Corpo*, para que não sofra inúmeras críticas e ataques pelo conteúdo relacionado à sexualidade feminina que seus escritos retratam.

Dessa forma, seguidamente iremos compreender um pouco sobre a velhice e sexualidade, a fim de observarmos tais temáticas nos contos lispectorianos, e averiguar a importância de falar sobre essas questões na literatura.

4. A SEXUALIDADE DA MULHER IDOSA NOS CONTOS: “MAS VAI CHOVER” E “RUÍDO DE PASSOS”

Sempre há nas obras lispectorianas uma estética muito próxima as questões da condição feminina e suas inquietações, fugindo dos temas tradicionalmente populares e recorrentes nos cânones da nossa literatura. Desviando e divergindo das proposições sócio-históricas que privilegia o ser masculino e ponto de vista patriarcal.

Clarice Lispector foi uma escritora consagrada na terceira geração do modernismo. Período literário que buscou romper com o tradicionalismo e através das artes chocar com o que vinha sendo proposto. Sendo assim, suas obras são marcadas por personagens femininas em cenas cotidianas das mais simples e comuns, porém enfocadas em tramas psicológicas, em meio a situações e episódios aparentemente triviais. No choque com fatos inesperados, que levam a mulher a discernir problemas até então não percebidos, emerge dessa contradição a “epifania”, ou seja, a concretização da compreensão, fenômeno dos mais recorrentes na experiência das personagens, ligado, muitas vezes, às questões da sexualidade feminina.

Tais problemáticas aparecem, praticamente, em todos os trabalhos de Clarice Lispector. A verossimilidade presente, corresponde ao fato de estarmos diante de uma escritora que produzia contos inspirados no cotidiano, nas problemáticas do seu tempo, no próprio contexto social e nos desdobramentos que viviam as mulheres de sua época.

No caso dos contos em questão de Clarice Lispector é valoroso a forma como esses embates surgem em forma de ficção. A resposta da escritora a temas como sexualidade da pessoa idosa pode até parecer secundário para alguns, mas necessários para a conquista e libertação das mulheres a certos tabus.

Os contos de Lispector ao mesmo tempo em que releva a intimidade das mulheres idosas, é também um campo fértil para discussões de todas as ordens, sendo alvo fácil de críticas, ou seja, além das inúmeras polêmicas que envolviam a autora e sua obra. A seguir, esmiuçaremos os pontos convergentes que fazem parte da temática em análise, colocando em evidência as proposições que atravessam a matéria das narrativas.

4.1- Breve consideração sobre a sexualidade presente no livro *A via Crucis do Corpo* de Clarice Lispector

A priori, vale lembrar que o tema sexualidade não é um tema incomum nas obras lispectorianas, mas é uma temática que fica em mais evidência no livro *A Via Crucis do Corpo*, entretanto, citamos aqui outras narrativas em que o tema está presente.

Portanto, indicamos duas histórias que estão relacionadas, de fato, com o comportamento em estudo. O primeiro texto é o conto “A procura de uma dignidade”, o segundo texto é “A partida do trem”, ambos estão no livro *Onde estivestes de noite*, publicado 1974. Essas duas referências, trazem com tema a experiência de três personagens: a Sra. Xavier, uma senhora que não tem nome próprio e esconde sua idade, a segunda, Ângela Pralini, uma mulher ainda jovem e cheia de dilemas e por último, a Sra. Dona Maria que conhece Ângela em um trem e vivem juntas uma experiência inquietante.

Na primeira narrativa, a protagonista chamada de Sra. Jorge B. Xavier é apresentada no espaço físico do Maracanã no Rio de Janeiro. Logo no início do conto, quando a personagem se encontra perdida nos corredores do estádio, percebe-se uma similaridade com uma espécie de labirinto: o espaço físico no qual a personagem se perde. Desnorteada, ela segue tentando achar o local correto para uma certa conferência. No entanto, sem conseguir encontrar o tal local, acaba se vendo perdida e anda em círculos, vagando, sem chegar a lugar nenhum.

A relação da personagem com o espaço rende uma longa reflexão sobre a lucidez e a independência de uma mulher em sua fase mais madura e sua relação com seu corpo, contemplando questões acerca da sexualidade. Após vivenciar essa caótica experiência e conseguir retornar para casa, a protagonista se vê sozinha e busca confortar-se com o seu programa e com seu artista favorito, Roberto Carlos, pôr quem ela tem grande atração. Estando no seu banheiro e encarando o seu espelho, vendo seu corpo nu, a pele enrugada, o rosto com as marcas de expressão, ela decide, então, vislumbrar um encontro com Roberto Carlos. Nesse encontro eles trocam carícias e artista chega a cantar um refrão de uma canção para sua admiradora. Por fim, ela interrompe o lapso imaginário, debruçando-se sobre a pia do banheiro e esbravejando: “*tem! Que! Haver! Uma! Porta! De!*”

Sáida!”, frase que remete ao início da narrativa, retomando a ideia de epifania e de estar presa em um labirinto.

Já no conto “A partida do trem”, temos uma singularidade na narrativa. As duas protagonistas se conhecem durante uma viagem de trem. Cada uma com suas incógnitas e suas diferenças, uma ainda é jovem a outra já tem setenta e sete anos e as duas estão deixando para trás suas antigas vidas. Ângela, tenta se esconder de uma paixão que antes era lasciva e que agora está dormente, fadada ao término e isso a deixa muito angustiada, a ponto de considerar cometer suicídio. A Sra. Maria Rita, viúva, se sentindo deslocada na sua casa onde mora com a filha, vai para o interior viver ao lado do filho com quem sempre teve bom convívio.

O destino delas se cruzam e durante essa viagem todos os dilemas interiores vem à tona. A melancolia da velhice de Dona Maria Rita encontra na juventude Ângela um contraponto e isso desencadeia uma corrente de reflexões acerca de seu papel social, sua presteza e sua funcionalidade, quanto ao seu contexto. Levando em consideração a temática da categoria analítica, podemos notar que, excepcionalmente não veremos alusão sexual nessa personagem, uma vez que não há no conto menção ou conotação ao tema. Contudo, essa mulher idosa especificamente, vivência uma dinâmica muito semelhante as demais as quais citamos anteriormente.

Diante dessa exposição, reunimos quatro exemplos, dentro das narrativas lispectorianas que nos ajudará a compor o estudo em análise para revelarmos as condições e as circunstâncias em que as protagonistas que foram elencadas trazem consigo e que nos mostram o quão seus contextos são análogos. Para mais além, a verossimilitude que está posta especialmente nessas narrativas, retrata mulheres idosas que assim como na vida real sofrem suas angústias, amam, se apaixonam platonicamente, vivem suas dores e suas catarses. Assim, encontramos nas narrativas quatro mulheres na chamada “terceira-idade”, que experimentam os sabores da vida mais “madura”, por vezes são condicionadas à ideia de pessoas inválidas e frágeis, tomando para si a necessidade de somente se prestar como cuidadora ou que necessita de cuidados.

Os dois outros contos aos quais são os alvos do presente estudo fazem parte do livro *A via Crucis do Corpo*, escrito pela autora brasileira Clarice Lispector, publicado em 1974. Escrito por encomenda do poeta, escritor e editor da própria Clarice, Álvaro

Pacheco, esse livro possui quatorze contos mais o posfácio. Ele pleiteava três histórias, porém em pouquíssimo tempo a autora foi escrevendo outras narrativas e acabou compilando e formando o livro.

O conteúdo dos textos envolve, de alguma forma, a sexualidade feminina, tema aqui elencado para estudo. Fazem parte deste livro 13 contos e uma explicação que não é propriamente parte do texto literário. Contudo, a parte explicativa somada aos contos, resulta no total de catorze textos, o que é o mesmo número de estações da Via-sacra, isto é, o trajeto que foi percorrido por Jesus carregando a cruz desde Pretório até ao Calvário onde faleceu. É como se Clarice Lispector comparasse o ato de escrever os textos do livro *A via Crucis do corpo*, a um ato de sofrimento, em que seguidamente a levaria a morte.

Além disso, podemos destacar que as personagens femininas da referida obra lispectoriana destoam-se das demais obras da mesma autora, pois parece que as personagens a todo momento fingem ser quem não são, se mascaram, se envergonham do que sentem, como podemos observar:

[...] na obra há uma constante tensão entre ser e parecer, diáde que se desdobra em “parecer e não ser (a simulação) e “não parecer ser” (a dissimulação). As personagens estão sempre encenando modos de ser, e não necessariamente sendo. Não apenas as personagens encenam o jogo simulação/dissimulação, mas o livro como um todo se constrói nesse viés, ao mesclar as narrativas supostamente eróticas, com textos em que a autora se autoficcionaliza, criando uma persona autoral que se identifica com Clarice Lispector. (BORGES, 2013, p. 128)

Em uma entrevista sobre o processo criativo do livro, Lispector se direciona ao sexo como “assunto perigoso”, ela não pronuncia a palavra em si, como se tivesse vergonha do que iria escrever:

O poeta Álvaro Pacheco, meu editor na Artenova, me encomendou três histórias que, disse ele, realmente aconteceram. Os fatos eu tinha, faltava imaginação. E era assunto perigoso. Respondi-lhe que não sabia fazer história de encomenda. Mas - enquanto ele me falava ao telefone - eu já sentia nascer em mim inspiração. A conversa telefônica foi na sexta feira. Comecei no sábado. No domingo de manhã as três histórias já estavam prontas: “Miss Algrave”, “O corpo” e “Via Crucis”. Eu mesma espantada. Todas as histórias desse livro são contundentes. E quem mais sofreu fui eu mesma. (VCC, p. 11 apud BORGES, 2013, p. 130)

Podemos pontuar, que Lispector se refere ao sexo como se fosse uma proibição, não a pronunciando, nem escrevendo a palavra, assim como uma personagem em um dos

contos não pronuncia a palavra câncer. O assunto ao qual a escritora irá se debruçar a seduz e desperta seu desejo, entretanto é algo que desperta medo de ataques a escritora:

Vão me jogar pedras. Pouco importa. Não sou de brincadeiras, sou mulher séria. Além do mais tratava-se de um desafio. Hoje é dia 12 de maio, Dia das mães. Não fazia sentido escrever nesse dia histórias que eu não queria que meus filhos lessem porque eu teria vergonha. Então disse ao editor: só publico sob pseudônimo. Até já tinha escolhido um nome bastante simpático: Cláudio Lemos. Mas ele não aceitou. Disse que eu devia ter liberdade para escrever o que quisesse. Sucumbi. Que podia fazer? Senão ser a vítima de mim mesma. Só peço a Deus que ninguém me encomende mais nada. Porque, ao que parece, sou capaz de revoltadamente obedecer, eu, a inliberta. (VCC, p.11-12 apud BORGES, 2013, p. 131)

Averiguamos, que ao optar por querer publicar um texto literário com um pseudônimo masculino, Clarice Lispector queria fazer o que muitas mulheres fizeram com seus textos, pelo medo de ataques que poderia enfrentar. A escritora queria maquiara algo que está presente na vida das mulheres com medo do que a sociedade iria falar ou pensar. Podemos perceber que mesmo com grandes escritoras, a vergonha de falar sobre a sexualidade e sobre o sexo está presente, mostrando para a autora que é uma pessoa presa aos dogmas sociais.

4.2- Análise do conto “Mas vai chover”

A personagem Maria Angélica, moradora da cidade do Rio de Janeiro, é uma senhora que busca prazer sexual em um homem mais jovem, Alexandre, o entregador que trabalha em uma farmácia. Em uma dessas entregas, acaba conhecendo Maria Angélica que, ao ver o jovem rapaz “de grande beleza”, se impressiona, convidando-o para entrar em sua casa e oferecendo-lhe café.

Mais tarde, Alexandre retorna para mais uma entrega. O moço entra no apartamento até chegar no quarto da protagonista, onde iniciam um diálogo sobre a viuvez dela. O diálogo corre em torno do desejo de Maria Angélica para beijá-lo. Ele se mostra inclinado a dispensá-la e ela é imediatamente repelida pelo jovem. Apesar da reprovação, ela insiste na aventura e oferece presentes em troca. O entregador, mesmo se sentindo enojado com o corpo flácido da senhora, acaba cedendo à proposta que lhe é feita e concorda em ter relações por puro interesse financeiro. O narrador, neste ponto do conto,

mostra com ênfase o repúdio que o jovem sente em relação ao corpo envelhecido de M.A, mas o suporta, tendo em vista o que poderá obter como provisão.

Apesar de não demonstrar sentimentos afetivos pela senhora, esta não consegue acreditar no que está vivendo: poder tê-lo como amante e poder gozar de tal companhia. Até que, um dia, Alexandre resolve exigir mais dinheiro para fazer viagem com uma garota. A senhora cai por si e, sentindo-se desprestigiada, não suporta o acontecido. Sofre, demonstra o desgosto, abandona-se, não sai de casa e nem toma banho, questionando-se por que Deus a havia abandonado.

O drama começa aí. Em outro momento, o rapaz exige-lhe um milhão de cruzeiros. Sem se importar se ela teria à disposição essa quantia, confronta com veemência e lhe aponta algumas formas de adquirir a quantia. Mas sua imposição é em vão porque ela resiste. Em total indispor, o rapaz fica enfurecido e dispara várias ofensas e insultos, rompendo o relacionamento. Por fim, sozinha e sem reação, estarrecida pelo acontecimento e enlutada, profere suas últimas palavras, relacionadas a sua observação sobre o climatempo.

Focando ainda mais e analisando de fato a personagem, notamos que Maria Angélica, figura central do conto lispectoriano é uma senhora de sessenta anos, sexuada. Típica personagem feminina de Lispector, traz consigo uma crítica, nesse caso o desejo e a necessidade de viver a sexualidade na velhice, outro ponto percebemos refere-se ao relacionamento abusivo que ela se dispõe a ter para conseguir o que almeja.

Lispector trabalha com a propositura de desvendar as inquietudes da alma idosa feminina, numa relação amorosa entre uma senhora de 60 anos (Maria Angélica) e um jovem de 19 anos (Alexandre). Com saudades do sexo a muito tempo abandonado, vê em Alexandre a oportunidade de vivenciar novamente a força da juventude. Guiada por sua libido, apaixona-se rapidamente pelo rapaz, que deslumbrado no seu poder aquisitivo aceita viver esse caso amoroso, mas por puro interesse, pois sentia nojo do seu corpo velho, enrugado.

Alexandre era um jovem entregador de produtos farmacêuticos, que conheceu Maria Angélica ao ir em sua residência entregar alguns remédios. Assim que a senhora bateu os olhos no garoto, viu-se atraída, logo o convidou para tomar um café com uma generosa fatia de bolo, ofereceu-lhe também uma boa gorjeta. Querendo ver o rapaz novamente, a protagonista pede vitaminas para serem entregues em sua casa, aí ela investe

em seu poder de sedução: Ela havia mudado de roupa, estava com um quimono de renda transparente. Via-se a marca de suas calcinhas. (LISPECTOR, 2016, p. 586)

Entretanto o que realmente seduziu Alexandre, foi quando Angélica lhe ofereceu um “presente grande”, um carro. Com expressão de quem está surpreso ele diz: Carro? Os olhos do rapaz faiscaram de cobiça. Um carro! Era tudo o que desejava na vida. (LISPECTOR, 2016, p. 586)

A protagonista assim, embarca em um caso amoroso líquido, frágil, pautado pelo interesse financeiro, mas completamente apaixonada, e mesmo com avisos, não via o que estava diante dos seus olhos. Assim vemos que o tipo de relacionamento abusivo sofrido por Angélica é comum na sociedade contemporânea, rapazes que se aproximam de senhoras, com interesse em seus bens materiais é cada vez mais comum, por pior que seja.

Maria Angélica que até então considerada uma mulher independente, passou a viver em função de um jovem que queria apenas seu dinheiro, tornando-se uma mulher submissa, fadada aos caprichos exigidos por Alexandre. Angélica que antes tinha paz, passou a sentir na pele sensações horríveis, como foi quando Alexandre viajou: Foram dias horríveis para Maria Angélica. Não saiu casa, não tomou banho, mal se alimentou. (LISPECTOR, 2016, p. 587)

As cenas de sexo entre a protagonista e o rapaz, são narradas com certo repúdio:

O que se passou em seguida foi horrível. Não é necessário saber. Maria Angélica- oh, meu Deus, tenha piedade de mim, me perdoe por ter que escrever isto! - Maria Angélica dava gritinhos na hora do amor. E Alexandre tendo que suportar com nojo, com revolta. Transformou-se num rebelado pro resto da vida. (LISPECTOR, 2016, p. 587)

Notamos que parece algo imoral o momento da narrativa da relação sexual, como se estivesse infringindo alguma lei. Enquanto Maria Angélica adorava o corpo jovem, forte e belo do garoto, Alexandre tinha horror ao corpo envelhecido e repulsa aos desejos sexuais dela. Foi-se assim, estabelecido uma relação pautada na troca do prazer sexual pelos bens materiais até amigas próximas a ela notaram os verdadeiros interesses do jovem moço:

Maria Angélica mal acreditava na sua sorte. Pouco se importava com as criadas que quase riam na sua cara. Uma amiga sua advertiu-lhe: - Maria Angélica, você não vê que o rapaz é um pilantra? que está explorando você? (LISPECTOR, 2016, p. 587)

Maria Angélica é uma personagem construída para quebrar com todos os estereótipos do que é ser idosa, visto que seu nome remete à ternura, em “Maria” temos o significado de pureza, virtude, virgindade; e em “Angélica” temos o significado de pura como um anjo. Tal personagem vai quebrando qualquer expectativa de inocência e pureza, pela sua condição de viúva e idosa, o comportamento que a sociedade espera é que ela deveria resguardar o luto, confortada pela fé em Deus. Porém é apresentada como uma mulher idosa que externa seus desejos, mesmo que eles possam levar à sua ruína.

Logo, podemos afirmar, que o conto “Mas vai chover” é um desenho das múltiplas possibilidades que a libido na idade idosa pode ter, sujeita a saciar-se sexualmente enquanto mulher, Maria Angélica se submete a viver um relacionamento abusivo com um homem muito mais jovem.

Em outro cenário, pensando sob a perspectiva patriarcal e invertendo os postos, o homem sendo o mais velho e a mulher a mais jovem em um relacionamento, o modelo mais comum que vemos atualmente. Quais subjetividades estão alinhadas a esse tipo de relacionamento? Quais questões nos leva a perquirir e cogitar sobre esse relacionamento? Seguindo essa linha de raciocínio, entendemos esse comportamento de forma totalmente diferente ao posto à Maria Angelica. O homem é sempre visto como o senhor viril, vigoroso e másculo, já a mulher idosa é considerada “sem-vergonha”, despudorada entre outros adjetivos negativos.

4.3- Análise do conto Ruído de Passos

Este conto refere-se à protagonista Cândida Raposa, que ainda vive a laicidade de uma jovem mulher. Espantada por ainda ter libido e frequentemente desejar o prazer sexual, mesmo considerando-se velha para tal, decide procurar um médico ginecologista para consultar-se e entender o que se passa com o profundo frenesi, a julgar por ela mesma, tardio.

Na presença do médico, ainda que constrangida, faz o seu peculiar relato. Para a própria surpresa, toma conhecimento de que não há idade para sentir necessidades de

cunho sexual e que esse desejo é visceral, biológico e a acompanhará até a hora da morte. A pobre senhora, sentindo-se muito contrariada, esbraveja alcunhas a si mesma, com total repúdio a sua condição.

Diante desse dilema, Cândida questiona ao médico o que ela deve fazer então, qual atitude deve tomar, qual remédio ele irá procrever-lhe. No caso dela, não há solução, pelo menos não do modo como a protagonista imagina. Seu quadro não é para ser remediado ou solucionado com algo que a faça não sentir mais seus famigerados desejos. Parte, então, para a praticidade do ato, mas acaba lembrando que já está velha e seu corpo não é mais desejável.

Por fim, chega à conclusão de que ela poderia estar só, sem que isso ser um problema, pois ela mesma conseguiria fornecer-lhe meios para obter o sucesso desejado. Na mesma noite, arranjando-se sozinha, masturba-se e depois chora. O acalanto vem junto com a vergonha e o mesmo ato se repete, sempre que necessário, até a morte. Chegada a essa conclusão, sentindo-se num exílio amoroso em estado melancólico, a senhora Raposo escuta algo muito semelhante e parecido com passos – ruídos de passos do seu esposo Antenor Raposo.

A personagem protagonista do conto “Ruído de Passos”, a Cândida Raposo é uma senhora de 81 anos que sente desejo por prazer, isto é, desejo em praticar atividades sexuais. É uma personagem que carrega logo em seu nome uma dualidade entre sagrado *versus* profano – o significado no nome Cândida remete à pureza, inocência; enquanto o nome raposo remete a um animal predador, um indivíduo astucioso.

Cândida é o resultado de um indivíduo domesticado pelas instituições como a igreja e a família, dessa forma, sente vergonha em ter desejo por prazer. Ela a priori se refere a tal desejo como “coisa”, sem mencionar o que é propriamente, deixando claro a sua apatia e constrangimento em falar isso para o médico.

O conto toma partida pelo contexto construído pela perspectiva que o ocidente construiu acerca do sexo, sendo, pois, de acordo com Foucault no texto História da sexualidade (1988), relacionada ao contexto produtivo do sistema político e econômico e sua relação com o prazer como gasto de energia e a internalização fundamentada nos corpos dóceis pelas instituições de poder, por exemplo, os centros clínicos.

A acepção sobre o sexo como forma biológica e tratada somente como ciência é explicitada no conto, pois, perante a libido que Cândida sente ela decide ir ao ginecologista e pergunta ao doutor “Quando é que passa?”, isto é, a vontade de ter relações sexuais, de sentir prazer.

Com a resposta do médico de que o desejo nunca iria acabar, Cândida Raposo, que estava chateada, achando que a situação se assemelha com o inferno, pensa sobre a seguinte proposição “A vida era isso, então? Essa falta de vergonha?”, evidenciando a vergonha sentida pela presença da sua libido aos 81 anos de idade.

Cândida Raposo encontra para transgredir o controle sobre seu corpo que é a seguinte “E... e se eu me arranjasse sozinha? O senhor entende o que eu quero dizer?”, indo então pra sua casa, na mesma noite, Cândida Raposo põe em prática a sua busca para sentir prazer e se masturba, após a ação a personagem chora pela culpa que as estruturas de poder internalizaram no seu corpo e na sua mente. Solitária e triste, a personagem espera pela morte, alento para sua vida ou vida “morta” pelo sistema, porém, em seguida, a autora coloca mais um personagem, logo após descrever os sentimentos de Cândida, a personagem, depois de realizar a ação em busca do prazer, ouve passos, os passos de seu marido Antenor Raposo, personagem que introduz o sujeito que é sujeitado à -família- uma das instituições de poder que usa a violência para o controle do prazer e das vontades dos seres para o pseudo bem estar social.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, podemos destacar que o tabu relacionado à sexualidade feminina permeia e está ligado à censura. Sendo assim, a sexualidade da mulher idosa é ainda mais censurada, sendo visto como algo que não deve existir, pois atinge a estrutura patriarcal e conceitos arcaicos e ultrapassados que envolvem essa proposição. Assim, abordar esse tema faz-se, antes de mais nada, necessário, tendo em vista a problematização em torno da sexualidade da mulher idosa, seja pela ótica do corpo envelhecido e flácido, seja pela sua função dentro de um contexto familiar e social.

Podemos mencionar, que a invisibilidade sobre o gênero feminino existe pela criação de instituições (igreja, escola, etc.) que apagam sua voz subjugando-a um ser pecaminoso, pautado em escritos religiosos. As mulheres, precisam ter como exemplo a ser seguido a virgem Maria, e nunca demonstrar seus desejos sexuais.

Dessa forma, o estudo das protagonistas dos contos “Mas vai chover” e “Ruído de Passos”, Maria Angélica e Cândida Raposo, respectivamente, contribuiu para reflexão acerca do tabu existente em relação à temática da sexualidade na velhice, visto que o desejo sexual só cessa com a morte. Os contos nos fazem refletir o quanto as mulheres com mais idade eram tolhidas nas questões relacionadas a sua sexualidade, de que ela ao envelhecer não pode mais sentir prazer e desejo como uma mulher mais jovem, que esses tabus ainda existem até os dias atuais. E os contos de Clarice, já naquela época (1970) nos desperta para essas questões que precisam ser retratadas cada vez mais.

Além disso, outra questão que o presente trabalho monográfico contribuiu para discussão e reflexão é sobre a escrita de autoria feminina. Escrita esta que não foi fácil estar presente na academia, mas que é imprescindível seu estudo para que haja uma compreensão de como é o universo feminino sob o olhar feminino, sem as caricaturas que escritores homens construíram sobre o que é ser mulher.

Ademais, vale salientar que a inserção de vozes femininas nos repertórios atuais não significa a exclusão de autores e obras que estão no cânone, não se trata de uma substituição, mas sim de um acréscimo. Os escritos de autoria feminina na literatura tendem a transgredir e quebrar barreiras impostas ao seu mundo: o olhar feminino sobre seu corpo, sobre seu cotidiano, sobre sua sexualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejam Todos Feministas**. São Paulo, Companhia das letras, 2012.
- ASSIS, Machado de. **Helena**. In: *Obra completa*, Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962, v.1, p. 284.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.
- BENJAMIN, Moser. **Todos os contos – Clarice Lispector**. Rio de Janeiro, Rocco, 2016.
- BORGES, Luciana. **O erotismo como ruptura na ficção brasileira de autoria feminina**. Florianópolis, 2013.
- CASTANHEIRA, Cláudia. **Escritoras brasileiras: momentos-chave de uma trajetória**. Revista Diadorim/ Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v.9, julho 2011.
- D'INCAO, Maria Ângela. **Mulher e família burguesa**. PIORE, Mary Del; Bassanezi, Carla (org). *História das mulheres no Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2002, p. 223-240.
- Estatísticas do eleitorado – Por sexo e faixa etária, **TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL**, 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleitor/estatisticas-de-eleitorado/estatistica-do-eleitorado-por-sexo-e-faixa-etaria>. Acesso em: 19/05/2022.
- FERREIRA, Simone dos Santos Alves e DEPLAGNE, Luciana Eleonora Calado- **Mito e Criação Literária: O Repensar Paródico dos Mitos Inesiano e Isabelino**, Editora UFPB, 2017.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras*. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo** (contos). Rio de Janeiro, Rocco, 1998.
- MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992.
- PERROT, Michele. **Minha História das Mulheres**. São Paulo, Contexto, 2019.
- REIS, Roberto. **Cânon**. In: JOBIM, José Luis (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 65-92.

RIBEIRO, Alda. **Sexualidade na Terceira Idade**. In: Matheus Papaléo Netto(org.). Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo. Editora Atheneu, 2005.

SANTOS, V. F. S. **Sexualidade na terceira idade**. Portal do envelhecimento. Disponível em: <https://bit.ly/3oC8XjO> . Acesso em: 11 Mai. 2021.